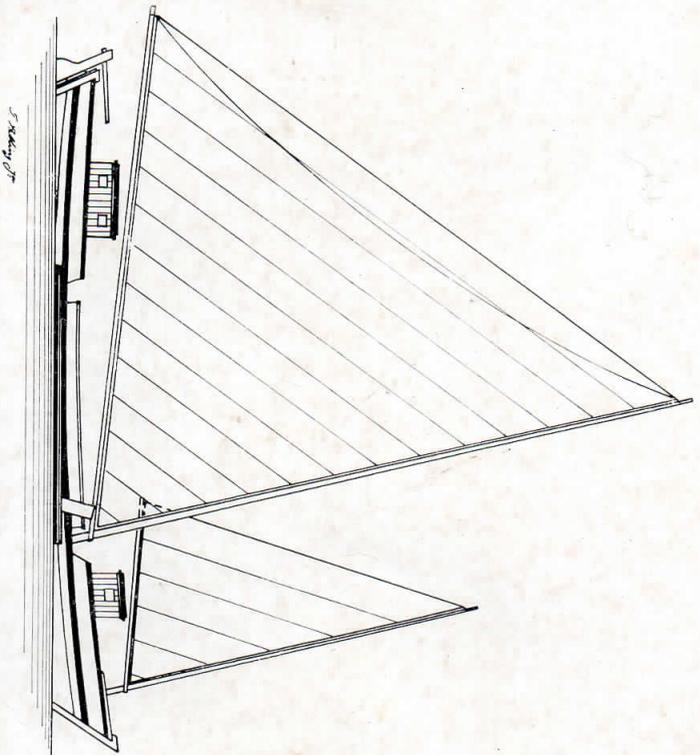


EMBARCAÇÕES DO BRASIL

COLEÇÃO ALVES CAMARA



SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO GERAL DA MARINHA
MUSEU NAVAL E OCEANOGRÁFICO — DEZEMBRO 1973

Organizaram a Exposição:

CMG Max Justo Guedes

Museólogas: Therезinha de Moraes Sarmiento

Vera Lúcia Pacheco de Araújo

Nice Mandarino

Agradecimentos ao

Sr. Kelvin de Palmer Rothier Duarte
pelos excelentes serviços de restauração, pesquisa e
classificação dos modelos expostos.

CAPA

CANOA DE EMBONO
PERNAMBUCO

DESIGNHO DE T. SELLING JR.

A COLEÇÃO ALVES CÂMARA

A coleção ora apresentada ao público, em comemoração ao Dia do Marinheiro de 1973, foi, em sua maior parte, reunida por um ilustre brasileiro, o Vice-Almirante ANTONIO ALVES CÂMARA que, além de conceituado chefe, foi hidrografo de renome e polígrafo fértil. Seus trabalhos no campo da hidrografia e da oceanografia valeram-lhe a projeção nacional e a eleição para a Sociedade de Geografia Brasileira e para o Instituto Politécnico.

Muito navegou Almirante Câmara, em navios que serviu ou comandos que exerceu, ao largo da costa brasileira e em águas estrangeiras. Isto, mais o exercício do cargo de Capitão dos Portos na Bahia e na Paraíba, a Inspeção do Arsenal da Bahia e as campanhas hidrográficas efetuadas naquele Estado, colocaram-no em permanente contato com as embarcações indígenas que navegavam, em avultado número, no nosso litoral. Daí surgiu, naturalmente, o interesse pela sua construção e o trabalho, que culminou com a reunião de numerosos modelos e a redação e publicação, em 1888, dos Ensaios sobre as construções navais indígenas do Brasil (Rio de Janeiro, Leuzinger), obra que se mantém, até os dias atuais, única no gênero — os esforços de Câmara Cascaedo, T. Selleng Junior, Paulo Pardal, e poucos outros, voltaram-se, apenas, para alguns tipos regionais — embora na apresentação do livro tenha o autor manifestado a esperança de que ela fosse "motivo para escrever-se obra completa sobre o assunto." Foi ele próprio quem deu continuidade à tarefa insinuada, com as Pescas e peixes da Bahia (Rio de Janeiro, Leuzinger, 1911), onde estudou a utilização de diferentes embarcações nas pescas especializadas.

A Coleção Alves Câmara vem de sofrer cuidadosa restauração, após ter sido recentemente transferida do Museu Nacional para o Serviço de Documentação Geral da Marinha, numa demonstração de calizante compreensão das finalidades do Museu Naval por parte da direção daquela casa de cultura, à frente o seu ilustre diretor Dr. DALCY DE OLIVEIRA ALBUQUERQUE.

Está, desta maneira, à disposição dos estudiosos, um dos mais notáveis conjuntos de modelos náuticos existente em todo o mundo, talvez o que reúna a maior variedade de modelos relativos a um só país, demonstração viva da importância que o mar tem e teve na vida nacional.

Está certo o SDGM que, com isto, haverá a indispensável continuação da notável obra iniciada, faz um século, por um grande marinheiro.



Vice-Almirante ANTÔNIO ALVES CÂMARA

Nascido a 27 de abril de 1852, entrou para a Escola Naval em 1868, sendo promovido o Guarda-Marinha em dezembro de 1870, a Segundo-Tenente em janeiro de 1873, a Primeiro-Tenente em dezembro de 1875, a Capitão-Tenente em maio de 1889, a Capitão-de-Fragata em maio de 1892, a Capitão-de-Mar-e-Guerra em agosto de 1894, graduado a Contra-Almirante em março de 1906 e promovido a este posto em abril do ano seguinte. Em novembro de 1911, foi graduado a Vice-Almirante e promovido no mês de dezembro. Faleceu em 3 de maio de 1919.

Entre as comissões que teve, destacaram-se vários comandos (Canhoi-ras Trapipe, Cabelado e Bracopot, Cruzador Guanabara, Flotilha do Rio Grande do Sul, Cruzador Benjamin Constant e Comandante da Esquadra em Evoluções. Foi Diretor da Escola Naval, ocasião em que instituiu o Prêmio Greenhalgh; Consultor do Conselho do Almirantado, Inspetor de Máquinas, Inspetor de Portos e Costas e Superintendente do Material.

Entre os vários trabalhos que publicou, destacam-se:

- 1) Algumas considerações sobre a causa da formação e origem do Gulf-Stream. Bahia. Impr. Economica, 1876.
- 2) Analyse dos instrumentos de sondar e perscrutar os segredos da natureza submarina. RJ, Leuzinger, 1878.

- 3) Impressões de uma viagem do Pará ao Recife. RJ, O Cruzeiro. 1880.
- 4) Conferência perante o Instituto Polytechnico sobre a causa da formação e origem do Gulf-Stream. RJ, Leuzinger, 1880.
- 5) Ensaio sobre as construções navaes indígenas do Brasil. RJ, Leuzinger, 1888.
- 6) Alves Câmara, Jr. Antônio
A Bahia de Todos os Santos. RJ, Lombrests, 1890.
- 7) Peixes e pescas da Bahia. RJ, Leuzinger, 1911.

De sua autoria é, também, uma excelente Planta Hidrografica do Rio Cotegipe e Bahia do Aratu, levantada em 1883.

COLEÇÃO ALVES CÂMARA

1) BARCA

Viamão — Rio Grande do Sul.

Modelo de linhas d'água.

Usado para tirar as linhas de construção sem necessidade de um desenho.

2) BARCO — de Cabotagem

Vitória — Espírito Santo.

Usado para comunicação entre os portos da costa do Brasil.

Modelo entalhado com bordadura e bancadas aplicadas.

Embarcação de boca aberta, semelhante à canoa. Dois mastros com dois bastardos.

Propulsão a remos e a vela.

3) CANOA — de Pesca

Paranaguá — Paraná.

Modelo entalhado em bloco.

Construção clássica da canoa de um pau só. A proa é lançada, adequada ao encaixe nas praias.

Propulsão a remos e a vela.

4) CANOA — de Carga

Paranaguá — Paraná.

Modelo entalhado em bloco.

Proa e popa bem lançadas, com uma caverna reforçando o casco.

Mastros enfiados em duas bancadas, com duas velas triangulares. Propulsão a remos e o vela.

5) SAVEIRO

Bahia.

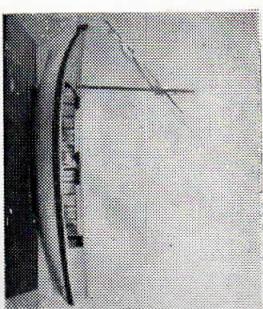
Usado na pesca e transporte de passageiros e carga.

Modelo construído com cavername e tabuado, igual à construção real.

Embarcação de forte construção.

De acordo com o fim a que se destina, seu aparelho varia.

Propulsão a vela.



6) BARCO — de Cabotagem

Santa Catarina.

Modelo entalhado em bloco.

Usado para comunicação e comércio entre os portos da costa do Brasil.

O aparelho variava de uma região para outra, de acordo com os ventos reinantes.

Propulsão a vela.

7) BATELÃO

Lagoa dos Patos — Rio Grande do Sul.

Uso diverso. Navegava nos rios e lagos.

Modelo entalhado em bloco, feito em madeira de corticeira.

Embarcação rústica, construída de um só tronco, curta, com muita boca e pontal.

Propulsão a varas e a remos curtos.

8) IGARITÉ

Amazônia.

Uso diverso.

Modelo misto. Parte do casco entalhado reforçado com cavername e tabuado ou falcame.

Embarcação rústica, cujo casco é construído de um tronco acrescido de tábuas, nas partes laterais, e reforçado com cavername.

Proa e popa fechadas com rodela.

Na popa, tolda fixa, de palha.

Propulsão a remos.

9) ALVARENGA

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro.

Usada para transbordo de carga dos navios para terra, e vice-versa. Modelo construído com quilha, cavername e tabuado, como na construção real.

Sua construção é sólida e grosseira, aproximando-se sua forma da dos Saveiros. Na proa e na popa tem um pequeno convés, e no alto da embarcação uma armação em forma de telhado, que serve para abrigar a carga. Um dos lados dessa armação é fixo e feito de madeira superposta; o outro é aberto e coberto por um grande encerrado de lona, que se suspende para receber ou tirar a carga.

Propulsão a vara, e por dois homens apenas, qualquer que seja o seu tamanho.

No Rio de Janeiro, foram improvavelmente chamados de Saveiros.

10) MONTARIA

Amazônia.

Uso diverso.

Modelo entalhado em bloco.

Proa e popa de rodela.

Propulsão a remos.

11) CANOA

Rio Grande do Sul.

Uso diverso.

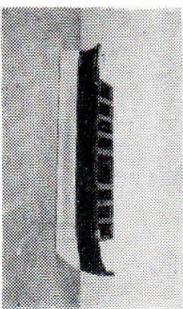
Modelo entalhado.

Propulsão a remos e a vela.

12) CANOA — de Carga

Paraguá — Paraná.

Modelo de casco entalhado, com bordadura e bancadas aplicadas. Propulsão o remos.



13) BALEIRA

Santa Catarina.

Usada para a pesca da baleia.

Modelo de casco entalhado. Construção muito simples. Propulsão a remos e a vela.

14) CANOA de EMBONO

Pernambuco.

Usada para transportar lenha, cal, carvão, sal e frutas. Modelo entalhado em bloco.

Grande canoa, feita de muitos paus e com cavernas, na qual serviam de forma as duas bandas de uma canoa, serrados pela quilha, e armada com duas velas triangulares, sendo uma realmente enorme e a outra, a Coringa, pequena. Tem de um e outro bordo paus-de-jangada, ou outra madeira leve, para agüentá-la melhor no mar, e são esses os embonos que lhe dão o nome. Propulsão a vela. (Vide capa)

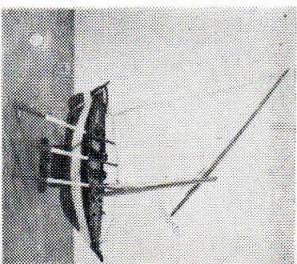
15) POVEIRO

Cabo Frio — Estado do Rio de Janeiro.

Usado para a pesca ao largo de Cabo Frio, vindo mesmo até a Cidade do Rio de Janeiro. Já também para o Norte, até São João da Barra.

Modelo entalhado em bloco. Barco de origem portuguesa. Nome procedente da denominação de *Poveiros* aos nascidos na Póvoa do Varzim, vila em que predominavam os pescadores, ao norte da Cidade do Porto. Introduzido pelos *poveiros* que emigraram para Cabo Frio.

A característica marcante é a grande boca em relação ao comprimento. A vela é um bastardo de grandes dimensões, fazendo amura no bico da proa. Escota cangando na popa, junto ao leme. Propulsão a remos e a vela



16) CANOA COBERTA

Amazônia.

Usada no transporte de carga.

Modelo construído com cavername e tabuado.

Grande embarcação de forma e construção da Igarité.

Duas toldas, sendo a da proa abaulada, de palha, e a da popa, achatada, de madeira.

Propulsão a remos e a vela.

17) CANOA GRANDE

Porto Alegre e Rio Viçosa — Rio Grande do Sul.

Embarcação fluvial. Navegava nos rios que deságuam na Lagoa dos Patos, em Porto Alegre, mas não afrontava a própria lagoa.

Modelo construído com cavername e tabuado.

Semelhante à *barraca* quanto ao casco, por ter o costado quase vertical. Possui apenas um mastro colocado verticalmente e quase ao centro, com mastaréu, formando o todo mais comprido do que a embarcação. No mastro içam duas velas redondas como um traquete e um velacho de muita guinda.

Esta embarcação só anda a vela com vento aberto, ou da popa. Quando o vento falta ou não é favorável, anda a varas e, nestas condições, as vergas permanecem arriadas ao convés, no sentido longitudinal da embarcação.

18) VIGILENGA

Maranhão e Pará.

Usado para transporte de mercadorias e passageiros.

Modelo entalhado em bloco, de construção rudimentar.

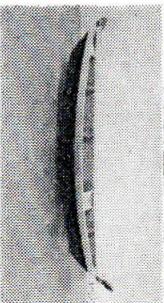
Embarcação pequena, com camarim na popa. Proa e popa de rodela, semelhante às da Igarité, característica das embarcações usadas na Amazônia. Mastreção de *cutler*, com o mastro quase a meio navio.

Propulsão a vela.

19) UBÁ

Amazônia.

Nome genérico das embarcações feitas e usadas pelos índios que habitam as margens do Rio Amazonas e de seus afluentes. Modelo de construção mista.



Parte entalhada com cavername e falcame sobrepostos.

Proa e popa de rodela, sendo a da proa primorosamente entalhada.

Propulsão a remos.

20) VIGILENGA

Maranhão e Pará.

Usada para transportar mercadorias e passageiros.

Modelo construído com cavername e tabuado.

Proa e popa de rodela, semelhante às da Igarité.

Mastreção de *cutler*.

Propulsão a vela.

21) IGARITÉ

Amazônia.

Uso diverso.

Modelo misto. Parte construída com cavername e tabuado e o fundo entalhado em um bloco maciço.

Propulsão a remos.

OUTRAS COLEÇÕES

22) CAIQUE

Rio Grande do Sul.

Usado na pescaria em lugares baixos.

Modelo construído com cavername e tabuado.

Propulsão a remos e a vela.

23) CANOA

Alto Paraguai e afluentes

Usada pelos índios Kadineus.

Modelo entalhado em bloco.

Propulsão a remos.

24) CANOA — de Pesca

Bahia.

Modelo construído em pequenas tábuas sobrepostas, entalhadas posteriormente. No entalhe foi deixado o reforço típico das canoas batanas.

São notáveis pela velocidade que desenvolvem. Não têm estabilidade devido a possuírem pouca boca.
Propulsão a remos e a vela. Quando movidas a velas, são usadas normalmente duas velas latinas. Muito raramente são usadas três velas. Na realidade a canoa é construída de um pau só.

25) MONTARIA

Mato Grosso.

Usada para caça, pesca e transporte.

Modelo entalhado em bloco.

Canoa ligeira de um pau só, fundo chato, usada nos rios para montar obstáculos.

Propulsão a remos.

26) BARCO

Costa Norte do Brasil.

Uso diverso.

Modelo entalhado, com ranhuras para sugerir tabuado.

Vela de pendão com amura no mastro.

Propulsão a remos e a vela.

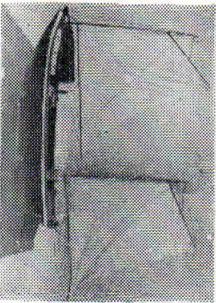
27) BARCAÇA

Embarcação característica do Rio São Francisco. Usada para transporte entre Sergipe e Penedo.

Modelo entalhado em bloco.

Proa muito lançada, facilitando o encaixe nas margens, para efeito de carga e descarga. Camarim montado na proa, com cobertura de palha. Usam dois tipos de velas: como a do modelo latino quadrangular, ou duas velas triangulares, armadas no mesmo mastro.

Propulsão a velas, quando a favor do vento e, a vara, quando contra o vento.



28) CANOA

Estado do Rio.

Usada em águas abrigadas.

Modelo entalhado em bloco.

Casco com proa e popa típicas das canoas brasileiras.

Canoa sem bordadura, com uma vela de espícha.

Propulsão a vela.

29) MONTARIA

Amazonas.

Usada para caça e pesca.

Modelo misto. Parte do fundo entalhado em uma peça.

Partes altas encavadas para receber o tabuado.

Canoa construída de um pau só, com a proa e popa fechadas com rodélas. As maiores são encavadas para receber o falcame.

Propulsão a remos.

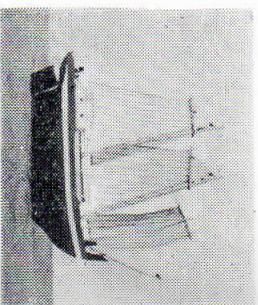
30) BARCO A VELA

Bahia — Recôncavo.

Usado na navegação do interior da Bahia para transporte de carga e passageiros.

Modelo entalhado em bloco.

O Capelo de proporções gigantescas, as cavernas que atravessam o convés e servem para habitar, o prolongamento da popa (chamado Xapié) e os mastros rústicos de madeira flexível e sem brandais, são características marcantes desta embarcação.



31) CANOA

Rio Grande do Norte.

Usada para transportar pessoas, de uma margem para outra do Rio Potengi.

Modelo de casco entalhado. Construção grosseira.

Propulsão a remos.

32) GELEIRA

Maranhão.

Usada para transportar o que foi pescado por outras embarcações.

Modelo construído com cavernas e tabuado.

Proa e popa de rodela. Dois mastros, gurupês.

Propulsão a vela.

33) LANCHA

Bahia.

Usada para cabotagem.

Modelo entalhado em um bloco maciço.

Usa de dois ou três mastros, sendo os dois de proa quase juntos.

Tem dois latinos quadrangulares, e um redondo no mastro de vante.

Capelo de proporções gigantescas. Cavernas, na proa, que atravessam o convés e servem para habitas.

Difere do Barco, da Bahia, por ter a popa fina chamada Rabo de

peixe.

Propulsão a vela e a vara.

34) GELEIRA

Maranhão.

Modelo construído com cavername e tabuado.

Proa e popa de rodela. Dois mastros com velas latinas quadrangulares.

Propulsão a vela.

35) CHATA

Mato Grosso e Alto Paraguai.

Uso diverso.

Modelo construído com cavername e tabuado.

Propulsão a remos.

36) CANOA

Piauí.

Uso diverso.

Modelo entalhado. Construção simples.

Propulsão a remos e a vela.

37) BATELÃO-REGATÃO

Amazonas.

Embarcação que se encontra em todos os rios do Estado do Amazonas onde há comércio; são verdadeiros bazares ambulantes.

Modelo construído com cavername e tabuado.

Embarcação de boca aberta, com dois abrigos para transporte de mercadorias.

Propulsão a remos.

Atualmente, usa motor.

38) BALSA

Embarcação fluvial comum a todos os Estados do Brasil.

Usada para transporte nos rios.

Junção de grandes paus, por meio de cordas, com o fim de transportar os rios abaixo, ou dentro de um porto, guiados por dois ou mais homens com varas.

39) CANOA

Rio Amazonas.

Uso diverso.

Modelo entalhado em um bloco.

Propulsão a remos.

40) IGARITÉ

Amazonas.

Uso diverso.

Modelo misto. Parte construída com cavername e tabuado e o fundo entalhado em um bloco maciço.

Casco construído de um tronco, acrescido de tábuas nas partes laterais e reforçado com cavername. Proa e popa fechadas com rodela. Tolda fixa, de palha, quase na popa. Velas quadrangulares,

de espícha, com retranca.

Propulsão a remos e a vela.

41) IGARITÉ

Amazonas.

Uso diverso.

Modelo misto. Parte construída com cavername e tabuado e o fundo entalhado em um bloco maciço.

Propulsão a remos.

12) CANOA COBERTA

Amazonas.

Usada no transporte de carga.

Modelo construído com cavername e tabuado.

Grande embarcação de forma e construção semelhante à Igarité.

Tem quilha e duas toldas fixas, abauladas, de palha.

Propulsão a remos e a vela.

43) IGARITÉ

Amazônia.

Uso diverso.

Modelo construído com cavername e tabuado.

Vela de pendão com amura na proa.

Propulsão a remos e a vela.